

Noênio Spinola

Uma pesquisa em andamento entre empresários de São Paulo curiosamente revela mais preocupação entre eles pela dívida interna que pela dívida externa. O óbvio, quando é transformado em estatística, pode ser surpreendente, pois a dívida interna não provoca nem uma décima parte do alarido que os dólares devidos aos credores estrangeiros.



Cada um escolhe o inimigo que prefere, e este bem pode ser o caso do Brasil, onde todos olham para fora e poucos para o bairro, o município, o quintal, exceto quando alguém pula com violência seu próprio muro. O leão da Receita ensaiou um desses pulos com a garfada na rentabilidade das cadernetas de poupança. Considerando-se que o governo é um grande beneficiário dos depósitos nas cadernetas, é natural que o leão fosse lá, para confiscar uma parte da rentabilidade sobre os juros reais através do imposto de renda.

A forma de confisco foi desta vez mais decente que a praticada durante o plano cruzado, no Plano Bresser ou durante os anos do autoritarismo, quando todos os ministros de Fazenda descobriram um jeito de garfar a poupança para reduzir os custos da dívida pública. Haverá uma nova ofensiva contra a correção monetária? Alguns acham que é pura questão de tempo, se os planos de desmonte dos ministérios do Planejamento e Fazenda capotarem.

Em um país onde todas as culpas são colocadas sobre os ombros do governo, vale a pena olhar se parte dessa culpa também não está na própria sociedade, e, mais diretamente, nos empresários. Já que estamos falando de pesquisas, uma em circuito fechado feita entre os associados de afluente associação de São Paulo revelou exatamente isto. Perguntada sobre os culpados pelo estado de coisas em que a confusa nação brasileira mergulhou, a maior parte dos associados respondeu: — nós mesmos.

A dívida pública em particular tem sido o alvo de análises detalhadas de pessoas que se preocupam com seu desmonte. Alguns banqueiros descobriram que isso é questão de sobrevivência para o sistema financeiro, ainda quando outros, mais frios ou mais céticos, simplesmente sustentem que quem aplica em papéis do governo são clientes, e se alguém pode perder são eles.

O lançamento de debêntures da Siderbrás foi um passo consciente dos que querem organizar a retirada do governo do endividamento a curtíssimo prazo, sem, ao mesmo tempo, quebrar todas as louças da sala. A tese é simples: o sistema financeiro brasileiro foi forçado a se especializar na captação de dinheiro para emprestar a crédito no *overnight*, empurrando a dívida pública para a estratosfera em que se encontra hoje. Forçado a se sofisticar nas operações de *overnight*, os bancos perderam a visão do longo prazo. Longe vão os tempos em que um Gastão Vidigal propôs a criação dos bancos de investimento, ou um Walter Moreira Salles abraçou fundos como o Crescincio, pensando no desenvolvimento de um vigoroso mercado de ações. Na galeria das excentricidades, hoje um Bradesco tem mais acionistas que a Petrobrás, porém de quantos lançamentos importantes de ações esse banco participou nos últimos meses?

Assolado pela dívida pública, o sistema bancário parou de pensar, ou aterrissou, simplesmente, na confortável situação de sócio do processo inflacionário. Só recentemente, por sorte, ou por instinto de sobrevivência, pouco a pouco começou a gravitar em torno de novas idéias. A criação de um grande mercado de debêntures pode ser a porta de entrada, ainda quando — outra vez em homenagem aos céticos — possa não passar de uma troca de créditos ruins por títulos roláveis no mercado secundário.

Para que o lado bom dessa iniciativa não derrape, é preciso que as instituições do mercado financeiro, como a Bolsa de Valores de São Paulo, a BMF, a BBF, a Andima, a BMSP, a BVRJ e outras dimensionem seus espaços. Muitos empresários perderam o hábito de fazer política de longo prazo, preferindo administrar apenas o prazo curtíssimo, vivendo num *overnight* de pequenos valores e disputas, digamos, "estéticas". Até agora, algumas lideranças têm se empenhado mais no futuro dos seus penachos provincianos que em uma visão de longo prazo, onde todos ganham. Ao seu lado, singularmente, as burocracias privadas se esmeram em copiar o modelo da burocracia estatal. E lutam, sem muita grandeza de alma, pela defesa dos seus jardins, esquecidas dos leões que rondam a chácara com um apetite nacional.

Quem foi mesmo que disse que só o político salva o economista? Uma frase que duramente poderia servir de consolo, em meio às pesquisas que também revelam um profundo desalento com a performance política. Como o tempo não pára, basta fechar os olhos e imaginar o cenário de daqui a dois anos se as chamadas "flechas do tempo" dispararem em direções opostas ou contraditórias.